Título Esculturas exploram o bom humor que se esconde nas formas técnicas e industriais
Data 28 de Julho de 2026
Evento Peças Frias — O Desenho

Publicação Folha de São Paulo
Autor Bárbara Blum
Artista Iran do Espírito Santo

Esculturas exploram o bom humor que se esconde nas formas técnicas e industriais

Retrospectiva de Iran do Espírito Santos traz objetos como compassos e porcas em escala gigante, sublinhando a beleza na austeridade

Bárbara Blum

SÃO PAULO O surrealista belga René Magritte materializou a separação entre objeto e representação na canônica pintura "A Traição das Imagens". A obra é inescapável. Em um fundo bege, um cachimbo, de piteira escura, separada da cabeça por uma faixa clara. Abaixo da imagem, em francês e letras cursivas, o mote repetido ad nauseam —"isto não é um cachimbo". A proposta era clara. O objeto e sua representação não são uma coisa só.

À primeira vista, o compasso gigante encostado na parede da galeria Fortes D'Aloia & Gabriel, na zona oeste de São Paulo, parece beber dessa fonte. Mas, com quase dois metros de altura e 50 quilos, a escultura de Iran do Espírito Santo é, sim, um compasso.

"Compasso", enfim executada depois de sete anos de sua concepção, foi o pontapé para "Peças Frias – O Desenho", que faz uma retrospectiva parcial da sua obra. Os trabalhos realizados de 2007 a 2025 são exibidos na galeria até o dia 8 de agosto. É a primeira vez que "Linha e Sombra 4" e "Alambrado" são exibidas no Brasil.

O título da mostra vem das "Pièces Froides" compostas pelo francês Erik Satie no final do século 19. Segundo Espírito Santo, os solos de piano frios de Satie têm paralelos com seu trabalho, calcado na ausência de cor, em materiais como aço e alumínio, e na precisão dos desenhos técnicos, "derivados de instrumentos, de gabaritos, de régua, compasso".

Bem como "Compasso", se destaca pela escala a escultura "Porca", uma porca sextavada de aço inoxidável de 40 centímetros. Ela é exibida na galeria sem parafuso, direcionando o olhar dos observadores ao seu interior espiralado e perfeitamente polido.

Para Espírito Santo, uma porca gigante e tão perfeita acaba sendo quase uma concretização da ideia do que é uma porca. "Como se ela fosse um desenho tridimensional", diz ele. Apesar da sobriedade, o tamanho e a precisão de "Compasso" e "Porca" as tornam esculturas bem-humoradas.

Deslocadas de suas funções originais, resta a forma. São admiradas, assim, não só a obra de Iran do Espírito Santo, mas o aço, o alumínio, as porcas e os compassos.

"Compasso" levou sete anos para ser executada. O artista ouviu o "não" de várias usinas metalúrgicas antes de achar, em Turim, na Itália, uma fábrica disposta a produzir o objeto gigante. Originalmente voltada à indústria automotiva, a fábrica italiana sugeriu usar o alumínio na peça, já que o aço dificultaria a execução e teria um resultado bem mais pesado.

Na fábrica, Espírito Santo se sente como um estranho. Diz que existe tensão em fazer demandas estéticas e conceituais num espaço voltado à função dos objetos. Mas foi durante a produção na Itália que o compasso foi associado com o "Homem Vitruviano", desenho de Leonardo Da Vinci.

O artista se debruça sobre as ideias de escala e representação desde o início da carreira. Nascido em Mococa, na divisa na divisa entre São Paulo e Minas Gerais, se formou em artes plásticas na Faap, em 1986. Teve aula com Nelson Leirner, fundador do Grupo Rex. No ano em que se formou, participou da mostra "Nova Dimensão do Objeto", onde apresentou "Esc: 1: 01", um esquema de globo terrestre feito com isopor cinza, imitando pedra.

Na época, a arte brasileira estava tomada pela chamada geração 80, marcada por pinceladas gestuais e pelas cores extravagantes. Espírito Santo diz que se identificava muito mais com a arte conceitual da geração que o antecedeu.

Para o artista, existe a expectativa dos países europeus de que a arte brasileira seja ligada ao corpo e à natureza. Mas ele rejeita a noção de que sua obra, austera, não pareça brasileira. "Sou tão brasileiro quanto qualquer outro brasileiro." Tanto que ele representou o país na Bienal de Veneza em 1999 junto de Nelson Leirner.

Espírito Santo voltou à mostra em 2007 e apresentou "Sem Título (Alambrado)", uma tela de alambrado feito em marcador permanente diretamente sobre a parede. O trabalho também está na galeria. A obra não busca ser uma reprodução impecável de um alambrado. São, afinal, mãos humanas que desenham a cerca a partir de um gabarito.

Tão afeito aos padrões industriais e ao controle, se encanta com as irregularidades do alambrado. Para ele, é aí que mora a subjetividade. "A etimologia da palavra 'drawing', em inglês, vem de 'draw', de trazer para perto", ele diz. "É um tipo de apropriação."

Iran do Espírito Santo
ONDE Fortes D'Aloia & Gabriel - r. Barão de Capanema, 343, São Paulo. **QUANDO** Ter. a sex., das 10h às 19h; sáb., das 10h às 18h. Até 8 de agosto. **PREÇO** Grátis



'Sem Título (Alambrado)', obra de Iran do Espírito Santo Eduardo Ortega/Divulgação